

Advogado de defesa

Renata Soltanovitch

São Paulo

Advogado de defesa

- I -

O Dr. Marlon já havia encerrado sua carreira de advogado de defesa. Ao longo de muitas décadas, foi respeitado pela Corte Paulista e sempre teve orgulho de estar instalado em seu belíssimo escritório, ao lado da Praça da Sé, quando, em um passado remoto, foi palco de grandes manifestações.

Formado pelas Arcadas, ainda estudante teria sido escrivão de polícia, o que fez com que aprendesse a decifrar os depoimentos em delegacia e saber quando um culpado mentia ou quando um inocente estava sem provas.

Era um tempo em que andar despreocupado pelo Largo São Francisco, perambular pela Rua Benjamim Constant e conversar com os amigos na Rua Quintino Bocaiuva não era uma ameaça aos seus pertencentes.

Quantas saudades daquele tempo!

Mas o Dr. Marlon, que não se desfazia do seu escritório, pois tinha muitos documentos ali, além de cópias de seus processos que tinham mais conteúdo do que qualquer livro jurídico,

decidiu atender ao pedido de um jovem rapaz em desespero, acusado de homicídio doloso.

– Preciso ressaltar ao senhor que não atuo mais na área criminal há muitos anos e que só estou lhe atendendo em respeito ao meu saudoso amigo, seu avô, um grande advogado tributarista.

E continuou:

– Seu avô, Dr. Valter, sempre me ajudou nas questões envolvendo crimes tributários, quando eu precisava entender as falcaturas que envolviam as massas falidas... mas o que te traz aqui, meu rapaz?

– O senhor é o único em que meu avô confiaria – disse Diego.

– É, eu sei – falou com sentimento de saudades daquele velho tempo de tribuna.

– É, mas, como disse ao senhor por telefone, estou sendo acusado de assassinato e não compreendo direito o motivo por que eu seria suspeito.

O Dr. Marlon, por ter trabalhado muitos anos como escrivão de polícia antes de decidir ser advogado de defesa, olhou um tanto quanto desconfiado, pois era uma acusação muito séria para

que a pessoa se revelasse com tamanha ingenuidade. Então disse:

– Entendi, Diego. Em homenagem ao seu avô, vou reunir minha velha equipe aqui do escritório e faremos um esforço para livrá-lo. Mas preciso coletar os fatos. Preciso que me conte todos os detalhes para estabelecer a melhor linha de investigação, para descobrir quem matou sua ex-mulher Sandra e, com isto, direcionar sua defesa e consequente absolvição.

Diego se sentiu confiante, já que seu avô sempre falara que o Dr. Marlon ganhava todas as causas, ou seja, sempre conseguia absolver os seus clientes. Entretanto, o advogado se sentia um pouco incomodado em defender o neto de seu grande amigo morto, já que, pelos documentos que previamente analisara e pelas notícias dos jornais, Diego teria (em tese) assassinado Sandra por conta da ação de divórcio e, é claro, por conta da partilha de bens, já que havia denúncia de valores advindos de comércio ilegal de peças de veículos roubados, o que sempre foi negado por ele.

– O senhor acha que sou culpado? – perguntou Diego, com uma voz melancólica. – Mas juro pelas minhas filhas que sou inocente. Sei que minha situação está bem complicada, pois a imprensa já me culpou e todo dia o caso está passando naqueles programas sensacionalistas. Já estou sendo julgado pela imprensa! Mas não fui eu. Não tinha interesse em matar

Sandra. Aliás, ela se calaria com alguns milhões e eu já estava negociando isto com ela.

Dr. Marlon se remexeu na cadeira, um tanto incomodado. Ajeitou sua gravata e preferiu pensar na gravidade da situação, mas não teria motivo para o Diego matar a sua ex-mulher por dinheiro, pois sabia que, como neto único, herdara toda a fortuna de seu avô (já que seu pai havia falecido bem cedo).

Aliás, seu avô tinha ganhado muito dinheiro em uma época em que os advogados eram respeitados e não havia um grande número de faculdades de direito despejando no mercado de trabalho, a qualquer custo, advogados que sequer tinham interesse em entender um pouco sobre o Código de Ética.

– Sr. Diego – disse o advogado, na formalidade que lhe era peculiar –, seu caso é bem grave e sua situação não é nada confortável, até porque a delegada Raquel, que cuida do caso, já deixou claro para que o senhor não saia da cidade.

– De qualquer sorte – continuou o advogado –, vou reunir minha equipe para uma reunião amanhã aqui em meu escritório às 11h e gostaria que o senhor estivesse presente. Aproveitarei para enviar, até o final da tarde, minha proposta de honorários.

– Combinado – disse Diego. – Quero logo me livrar deste problema e dar continuidade à minha vida e meus negócios. Até

porque minhas filhas precisam de mim e não gostaria que elas achassem que matei sua mãe.

- II -

No horário marcado, Diego estava presente no escritório do Dr. Marlon, já com sua equipe reunida.

– Sente-se, Sr. Diego – disse a assistente do Dr. Marlon, após as apresentações de praxe –, e nos conte quando viu sua ex-esposa pela última vez.

Diego limpou sua garganta com uma tossida rápida, como se não tivesse tomado água havia horas, e então começou a relatar:

– Há três semanas, tivemos uma audiência no Fórum João Mendes e a sua advogada – Dra. Érika –, almejando ganhar seus ricos honorários, persuadia Sandra a não fazer o acordo que eu lhe oferecia, não só sobre a partilha, mas principalmente a pensão alimentícia.

– Além de eu me oferecer a pagar todos os custos das meninas, digo, minhas filhas – ressaltou Diego –, me dispus inclusive a lhe ofertar uma bela pensão alimentícia, evitando desgastes

desnecessários. Mas a sua advogada insistia que ela não fizesse acordo. Com a audiência encerrada, elas desceram aquela escada do Fórum em formato de caracol, quando vi Sandra escorregar e cair sentada, e logo depois fiquei sabendo que ela foi parar no hospital com o tornozelo inchado, após luxar seu pé com aquele scarpin branco.

– Depois você não a viu mais, Sr. Diego? Nem falou com ela? – perguntou a assistente do Dr. Marlon e advogada Priscila.

– Sim, falei. Mas foi pelo telefone. Perguntei se ela estava melhor e se precisava de ajuda. Aliás, pedi para meu médico particular, o Dr. Alli, ir até a casa dela, verificar como estava e tentar persuadi-la a fazer um acordo. Eu até ofereci pagar os honorários de sua advogada.

– Mas o senhor não estava com raiva dela? – perguntou o advogado iniciante Márcio, também assistente do Dr. Marlon.

– Não, eu estava era com raiva da advogada dela. Sandra estava com a cabeça cheia de preocupações e queria o dinheiro o mais rápido possível, para ajudar a sua família, que estava com dificuldades financeiras, pois seu pai deu um golpe nos estabelecimentos da cidade do interior onde eles moram e ela precisava limpar o nome da família. Até para agiota ele devia!

– Entendo! – disse o Dr. Marlon, atento ao comportamento do neto do amigo e suas expressões corporais. – Tudo isto seria

importante quando de seu depoimento perante o júri, caso fosse pronunciado.

– Segundo a imprensa – disse a advogada assistente –, sua ex-mulher foi atraída para o antigo escritório de seu avô, às 23h, em plena Rua da Glória, esquina com a Rua dos Estudantes. Um local nada bem frequentado à noite. Naquele local foi abordada por criminosos, levada para um local ermo na baixada do Glicério e morta.

– Pois é, é o que conta a imprensa. Mas não tenho nada a ver com isto – disse Diego.

– Mas os criminosos foram presos e, segundo a polícia – disse o advogado Márcio –, o senhor tinha relação com eles, pois muitos eram seus fornecedores de peças dos carros roubados.

– Isto jamais! – disse Diego. – Posso até ter comprado algumas peças, mas não sabia que eram roubadas, tanto que fui absolvido no processo de receptação.

– Pois é – disse o Dr. Marlon –, ao estar ligado aos criminosos, de uma certa forma, sua situação envolvendo a morte de sua ex-mulher é quase certa.

– Porém, algo me chama a atenção – continuou o advogado Marlon. – Gostaria de saber por que a advogada Érika tem o mesmo endereço de escritório do colega advogado que defendeu

estes criminosos processados por roubo de peças de veículos, das quais o senhor, Sr. Diego, foi também processado por receptação!

Diego empalideceu e refletiu por alguns segundos. Então, com firmeza, disse:

– Nunca reparei nesta informação. Aliás, o advogado que me defendeu no processo de receptação faleceu logo após a sentença de absolvição e nenhum comentário foi feito neste sentido.

– Entendo – disse o Dr. Marlon, ao ser interrompido pela Dra. Priscila, que lhe mostrou um documento que apontava que o tal advogado falecido mencionado por Diego também tinha seu escritório, coincidentemente, na mesma rua que a Dra. Êrika.

– O senhor sabe se a Dra. Êrika conhecia o seu falecido advogado? – perguntou o Dr. Marlon, um tanto incomodado com a situação.

– Eu não saberia lhe dizer... Mas sempre imaginei que todos os advogados se estabeleciam aqui no centro da cidade, pela proximidade do Fórum João Mendes, do Palácio da Justiça e do Palácio Mauá, que, até onde sei, é o Fórum Criminal, que fica no viaduto Dona Paulina, ou estou enganado?

Fazia sentido a resposta dada por Diego, pensou o Dr. Marlon, ainda um pouco desconfortado em defender o neto de seu melhor amigo e ainda correr o risco de vê-lo condenado.

– Temos que pensar com a cabeça dos jurados. Um crime desta natureza, a morte da ex-mulher por conta de partilha de bens, dinheiro, pensão... – afirmou o Dr. Marlon.

– Um minuto, Doutor – interrompeu Diego –, eu tenho como provar as propostas que fiz a minha ex-mulher Sandra e que, em algumas das mensagens enviadas, disse a ela que não estaria nem um pouco preocupado em deixá-la confortável financeiramente, desde que ela largasse aquele professor de tênis, um pobretão sarado que só pensava no dinheiro dela.

– Opa. Temos mais uma figura aí que não aparece em nenhum lugar. De onde vem este professor de tênis? – interrompeu o Dr. Márcio, imediatamente ao ouvir esta informação.

– Isto não saiu em nenhum jornal e nem mesmo está anotado na cópia do processo que você nos entregou. Eu o li de capa a capa! – afirmou o Dr. Márcio, um tanto quanto irritado, com receio de ter passado despercebida uma informação de tamanha importância.

– Eu também não li nada – afirmou a Dra. Priscila, um tanto desconfiada desta informação.

– Diego – disse o advogado titular –, vou lhe fazer uma pergunta muito séria e preciso, como seu advogado, ouvir uma resposta bem sincera. O senhor matou ou mandou matar sua ex-mulher Sandra?

– É claro que não! – afirmou Diego, com uma voz convicta.

– E por que não tem a figura deste professor de tênis em nenhum lugar do processo?

– Não sei dizer, Doutor. Eu, de boa fé, fui à delegacia sozinho quando fui intimado e, como não tinha nada a temer, prestei minhas declarações e falei tudo, inclusive deste professor de tênis, sobre a proposta que fiz da partilha de bens, do comportamento da advogada Êrika, de tudo. Se a delegada não anotou, aliás, a delegada sequer estava no dia em que fui depor, e sim tinha um escrivão com cara de preguiça que anotou o que falei... Aí assinei apenas um documento na delegacia e fui embora. Agora estou aqui, acusado de um crime que não cometi.

Depois de pensar um pouco, folhear novamente os documentos, o Dr. Marlon se levantou e, de forma brusca, se despediu de Diego dizendo que iria até o Fórum Criminal e posteriormente à delegacia, para verificar se não estava faltando algum documento no processo.

Marcou-se nova reunião para o dia seguinte, no mesmo horário.

- III -

O Dr. Marlon nunca foi de se arrepender dos casos que pegava. Mas estava velho e cansado do embate forense. Queria paz e sossego. Sentia-se feliz em reler seus casos antigos, fazer anotações e falar aos mais jovens como era a advocacia no passado. Nada mais!

Só que era tarde demais e sentia a necessidade de defender o neto de seu amigo que estava em apuros, mas algo ali estava lhe deixando intrigado. Precisava pensar com a cabeça de promotor para entender os meandros da acusação e achar uma saída.

Então se reuniu com sua equipe antes da reunião com o cliente.

– Doutores – disse o Dr. Marlon –, para que não sejamos surpreendidos no júri, faz-se necessário contratar um detetive para levantar a vida de nosso cliente, sem que ele saiba. Não dá para acreditar só na palavra de Diego – disse de forma categórica e sem rodeios, o que fez Priscila e Márcio ficarem desconfortáveis, pois, de uma certa forma, isto reduziria o valor dos honorários a receber.

- IV -

A velha raposa era a alcunha de Jean, um antigo investigador de polícia que tinha trabalhado com o Dr. Marlon na época em que patrocinava diversos processos criminais de grande repercussão. O seu faro era infalível e ele tinha ajuda um tanto quanto inusitada para buscar informações privilegiadas.

A sua equipe de investigadores compunha-se de moradores de rua, bêbados, donos de aplicativos, uma galerinha que trabalhava nas operadoras de telefonia de celular e videntes. Sim, estes médiuns lhe concediam pistas magníficas para conseguir provas reais.

E Jean trouxe ao Dr. Marlon uma informação bem relevante, aparecendo em seu escritório de supetão, aproveitando que estava vigiando um juiz de direito criminal que passava suas horas vagas em um cabaré localizado em um edifício na Rua Conselheiro Furtado.

– Dr Marlon – sussurrou Jean ao entrar na biblioteca do escritório, onde o advogado gostava de estudar seus casos –, o tal professor de tênis existe e ele nada mais é do que um dos réus processados por venda de peças roubadas ligados àquele processo do Diego.

– Quando a gente acha que vai melhorar, sempre tem como piorar! – desabafou o advogado, ao olhar Jean por cima dos seus óculos de leitura.

– Mas ele não estava preso? – perguntou, já sabendo a resposta.

Ambos riram e Jean, achando graça na pergunta, completou:

– De qualquer sorte, sua advogada era a mesma da ex-mulher do Diego, ou seja, a tal Érika. Ainda não sei muito o que esta coincidência quer dizer, mas sabemos que isto não existe! Vamos ao acaso, ou melhor, ao caso.

– E se bem te conheço, Jean, o que mais temos?

– Uma viagem a Paris!

– O quê? Como assim? – olhou indignado para Jean.

– A advogada Érika, segundo meus informantes, foi ontem para Paris, com passagem só de ida.

O Dr. Marlon enterrou-se em sua cadeira ainda mais e, com voz ofegante, chamou os advogados Márcio e Priscila para uma reunião urgente. Após pôr a par das novidades, determinou:

– Peçam para o estagiário levantar todos os processos que são patrocinados pela Dra. Érika e verifiquem a quem ela substabeleceu as procurações e se foram com ou sem reserva de poderes. Tragam esta informação até amanhã.

– Jean – disse o Dr. Marlon, de forma ofegante –, amanhã vamos averiguar sobre estes novos advogados que atuarão em nome da advogada Érika, seu endereço, e se sabem mais sobre esta viagem.

– Ah, falta uma informação importante para te passar! O professor de tênis foi junto com a advogada Érika para Paris. Só para você saber!

– Meu Deus – disse o advogado –, mais alguma coisa para me dizer ou vai fazer a prestação?

– V –

O Dr. Marlon esteve com a Delegada Raquel e lhe repassou estas informações, pois sabia que ela, até pelo fato de estar almejando a Corregedoria da Polícia, poderia se empenhar em resolver o caso.

– Dr. Marlon – disse a delegada –, sei de sua seriedade profissional, pois o Dr. Abraão já o descreveu para mim, daí por que atendi o senhor sem nenhuma formalidade.

– Como o senhor sabe – continuou –, estamos com um prazo determinado pelo juiz para encerrar as investigações e tudo indica que seu cliente, Diego, é culpado pela morte da sua ex-mulher. Entendo perfeitamente estas suas colocações e sua

investigação particular, mas recomendo que o faça por escrito e, se houver indícios de autoria, estaremos investigando nesta linha.

- VI -

O fato é que era tarde demais. Se fosse possível que a advogada Érika e o professor de tênis estivessem envolvidos com a morte de Sandra, eles ficariam soltos.

Ela simplesmente renunciou a todas as procurações que lhe foram outorgadas nos processos. Apenas enviou um telegrama para seus clientes e o juntou nos respectivos processos. Simples assim!

Entretanto, pensou o Dr. Marlon, era seu cliente solto e absolvido. Isto era o mais importante naquela altura do campeonato! – refletiu como um desabafo.

De qualquer sorte, continuaria com a investigação particular, pensou. E assim se dirigiu ao seu escritório, já sabendo que Diego o esperava para falar.

– Boa tarde, Diego, o que lhe traz aqui em meu escritório? Não me lembro de ter marcado nenhuma reunião hoje.

– Desculpe, Dr. Marlon, mas vim porque minhas filhas, ao fazerem a mudança da casa da mãe para a minha e ao

reunirem os pertences, acharam vários depósitos feitos pela Sandra na conta do professor de tênis. Olha isto: somam-se mais de R\$ 2.000.000,00. Este dinheiro estava aplicado em nome das minhas filhas. Não sei, sinceramente, como a Sandra conseguiu resgatar este dinheiro todo e dar para o salafrário.

O advogado examinou os documentos de forma superficial, mas disse que levaria para um perito fazer um levantamento e um mapeamento destas transferências.

Tudo estava se encaixando e parecia que a advogada Érika estava envolvida até o pescoço na morte de sua própria cliente. Mas qual seria o interesse? – pensou o advogado, logo que Diego fechou a porta e se retirou do escritório.

Em menos de meia hora, Jean aparece no escritório do Dr. Marlon.

– Amigo, – disse Jean –, parece que as novidades brotam da terra. O meu informante constatou que a advogada Érika, a ex-mulher de Diego e o professor de tênis estavam ligados por um triângulo amoroso, e parece que algo deu errado. Segundo apurei, Sandra queria voltar a ficar casada com Diego e, com isto, os valores que ambos recebiam pelos respectivos trabalhos realizados, ou seja, o ménage, estariam encerrados.

– Então faz sentido – disse o advogado a Jean. – Olha só o que Diego me trouxe agora há pouco. São vários extratos...

enquanto ele depositava valores na conta das filhas, a mãe transferia para o professor de tênis.

– Mas algo está estranho – disse o advogado –, em nenhum momento Diego mencionou que Sandra estava se preparando para voltar para ele. E mais: só agora tudo vem à tona, quando Érika e o professor de tênis viajam para Paris, com passagem só de ida.

– Marlon – disse Jean com uma voz dura –, fomos contratados para absolver nosso cliente, ainda que por falta de provas, e não para resolver crimes. Isto é trabalho da polícia e não nosso! A propósito, o juiz de direito que está com este caso é o mesmo que frequenta o cabaré da Rua Conselheiro Furtado. Ele já sabe quem sou e com quem trabalho. Fica a dica, meu amigo. É agora ou nunca!

E foi jurando que não mais atuaria em qualquer processo, que o Dr. Marlon conseguiu absolver seu cliente por falta de provas e, com o trânsito em julgado da sentença, a advogada Érika e o professor de tênis passaram a ser investigados pela morte de Sandra, a ex-mulher de Diego.

Só que eles já estavam em Paris e dali transitando livremente pela Europa, com nomes e passaportes falsos conseguidos por Diego, enquanto direcionava, num primeiro momento, a investigação para si e depois para os fugitivos desaparecidos.

De qualquer forma, pensou o Dr. Marlon, é dever do advogado assumir a defesa criminal, sem considerar sua própria opinião sobre a culpa do acusado. E assim encerrou seu expediente forense.